Complexo de vira-latas e pesquisa científica: pequenas e simples propostas

Complexo de vira-latas e pesquisa científica: pequenas e simples propostas

Zacarias Gama

Electronic version

URL: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/3075>

DOI: 10.4000/espacoeconomia.3075

ISSN: 2317-7837

Publisher

Núcleo de Pesquisa Espaço & Economia

Electronic reference

Zacarias Gama, « Complexo de vira-latas e pesquisa científica: pequenas e simples propostas », *Espaço e Economia* [Online], 11 | 2017, Online since 05 April 2018, connection on 24 September 2020.

URL : <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/3075> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/espacoeconomia.3075>

This text was automatically generated on 24 September 2020.

© NuPEE

Complexo de vira-latas e pesquisa científica: pequenas e simples propostas

Complexo de vira-latas e pesquisa científica: pequenas e simples propostas

Zacarias Gama

- 1 Na sua famosa crônica esportiva, “À Sombra das Chuteiras Imortais”, de 1958¹, Nelson Rodrigues criticava a nossa inferioridade diante das coisas estrangeiras, e se referia ao complexo de vira-latas, isto é, àquele sentimento que nos tira todas as vantagens competitivas, inferioriza-nos em relação ao estrangeiro. Dizia ele: tínhamos a melhor seleção de futebol em 1950 e amargamos a derrota de 2 x 1 para a Celeste Olímpica do Uruguai; o nosso abjeto chororô nos levou ao chão a ponto de sequer acreditarmos no escrete (como ele chamava as equipes de futebol) que venceria a Suécia, no Estádio Råsunda, uma goleada de 5 x 2, na final da Copa de 1958. Vencemos depois outras quatro Copas, somos o único país Pentacampeão em Copas do Mundo e nem por isto deixamos de carregar conosco o mesmo complexo.
- 2 No meio universitário o nosso complexo de vira-latas ainda hoje é patente. Parece que cada universidade o tem inscrito em seus estatutos, que cada cientista brasileiro se rende ao primeiro chamado que engrossa a fuga de cérebros (*brain drain*) para o exterior, que sequer somos capazes de concorrer com os científicos da Argentina, ostentadamente expostos na Casa Rosada. Quando nos focamos nos nossos formuladores de políticas públicas é possível ver escrito nas suas testas que o objetivo máximo das nossas universidades é em direção ao status de “world-class university”. Elas e eles se deixam arrebatar com facilidade pelas mais encantadoras aparências e tudo tentam copiar, menos o que realmente seria importante. São como muitos treinadores de futebol que tentam impingir aos nossos craques crescidos nas várzeas e nas peladas de pés-descalços, os “overlapping”, “job-rotation” e future point”, como se o futebol não corresse em suas veias e não fosse preciso apenas apurar-lhes os fundamentos básicos. Qualquer time que jogue no Aterro do Flamengo é um escrete em potencial, sem precisar de estrangeirismos e estratégias importadas.

- 3 Como disse: copia-se tudo, menos o que é importante e verdadeiramente necessário. Este é o caso de um grande bairro da cidade do Rio de Janeiro, quer ser Miami mesmo a despeito de ter as mesmas condições objetivas daquela cidade americana e sem o mesmo capital que se acumulou em seu território.
- 4 Entre nós, a última moda em processo imitativo é o ensino básico e superior com a utilização de novas tecnologias; só se fala nisto! Os nossos formuladores de políticas educacionais são pródigos a respeito. Grande quantidade afirma que os estudantes e professores precisam desenvolver novas competências tecnológicas sob pena de a nossa educação e o próprio país permanecerem condenados a um atraso definitivo. Os relatórios da OCDE para o Brasil, por exemplo, são incansáveis em sempre recomendar mais quantidades de computadores nas escolas, como condição de acelerar o desenvolvimento de competências de tecnologia da informação e comunicação entre a população (OCDE, 2015)². Impõe-se que o velho estilo pedagógico seja banido de forma incontestada. A internet está aí a contribuir para a morte das velhas louças de quaisquer cores ou materiais. O uso de um simples smartphone pode ser a superação de todos os atrasos pedagógicos.... Mas, uma pergunta insiste em não se calar: quantos se empenham em abrir o sinal de wifi para democratizar os acessos à internet nas nossas escolas básicas e universidades? Como introduzir novas tecnologias com sinal restrito e hierarquizado conforme o poder aquisitivo e com as operadoras perseverando em emitir sinais fracos a preços escorchantes?
- 5 A democratização dos sinais de internet nas unidades escolares de todos os níveis e modalidades está ainda distante das preocupações dos nossos formuladores de políticas públicas. Todavia, quantos deles se dispõem a disponibilizar as mesmas facilidades midiáticas dos campi da União Europeia aos nossos universitários? Lá, o sinal de internet é aberto a todos, pouco importando se o celular, laptop ou tablet foi comprado na Feira da Ladra de Lisboa ou num camelô próximo a Gare du Nord ou debaixo do pontilhão da Rue Rochecouard, em Paris. É garantido que todos tenham igual acesso à Web e às redes sociais. Aqui são notáveis os esforços para todos terem acesso à internet, contudo, bastam dois passos para qualquer um sair de seu alcance e voltar a depender dos sinais das operadoras que, ao que tudo indica, parecem viver num mundo de sombras. Os espaços escolares e de pesquisa digitais, talvez, devam esperar a próxima metade do século XXI; o nosso complexo nos leva a crer estarmos longe dos confortos e comodidades do mundo civilizado.
- 6 Nosso problema é o nosso complexo, que aliás é deveras interessante para as potências capitalistas hegemônicas. Aliás, por falar em pesquisa, sempre deixamos neste campo de copiar o essencial ao invés dos acessórios mais aparentes. Apesar de todas as nossas universidades públicas federais e estaduais terem instâncias encarregadas de articular e gerenciar atividades de pesquisas e inovação, atuar junto às agências de fomento e gerenciar programas institucionais de desenvolvimento da pesquisa, elas ainda deixam humildemente de se espelhar nas suas congêneres internacionais para induzir com intensidade o nosso desenvolvimento em termos de ciência, tecnologia e inovação. Sonham ser “world-class university” sem acordar para possibilidades concretas de transformação que sequer precisariam de tantos recursos financeiros. Um bom ponto de partida poderia ser a criação de um escritório atento à captação de recursos por meio de editais e disposto a assessorar a contabilização das verbas, gastos e empenho dos projetos desenvolvidos pelos cientistas de todas as áreas. Explico-me melhor.

- 7 Seria função de tal escritório dar visibilidade aos editais abertos, poupando aos pesquisadores a árdua tarefa de acompanhar diariamente os movimentos das inúmeras agências nacionais e internacionais de fomento. A atenção deles aos seus estudos e às experiências concretas torna-os absortos e desatentos às exterioridades dos seus objetos, ainda que tenham bolsistas auxiliares em quantidade; tais estudantes têm aplicação limitada e não são pequenas as demandas provenientes de outras disciplinas e interesses particulares.
- 8 Uma simples página virtual deste mesmo escritório, como um grande mural, poderia funcionar como balcão de anúncios ao qual se remeteriam os pesquisadores em busca de financiamentos. Nada o impediria também de comunicar aos possíveis interessados, por algum meio eletrônico ou qualquer outro, os editais abertos por área de conhecimento e pesquisa. O processo competitivo de captação de verbas imposto pelos editais, observando-se a inexistência de verbas próprias das universidades para pesquisas, nem sempre é acompanhado pelos pesquisadores, dada a velocidade que lhes são inerentes; muitas vezes, a tomada de conhecimento de algum edital, como sói ocorrer, acontece depois de sua expiração. São poucos os cientistas como eu, atentos à abertura de novos editais brasileiros ou estrangeiros. Mais raros ainda são aqueles com as necessárias diligências burocráticas e contábeis exigidas.
- 9 Daí é que se torna imperativo um escritório que assume para si estas tarefas em prol da indução da produção científica. Zelosamente poderia se encarregar de assessorar desde o desenho dos projetos, sobretudo aqueles elaborados pelos jovens pesquisadores, até o acompanhamento da liberação de recursos e dos gastos das verbas de empenho para custeio e investimento. As vantagens são inúmeras e visíveis a olhos nus. Em princípio, as prestações de contas com a devida assistência especializada evitariam as mais comuns exigências e inadimplências junto aos órgãos de controladoria das agências de fomento; evitariam prolongados processos administrativos impeditivos da continuidade de financiamentos às investigações em curso, e liberariam os cientistas de preocupações alheias aos seus objetos científicos e tecnológicos que requerem aprofundamentos, descobertas e inovações.
- 10 É um paradoxo que algumas universidades sequer mantenham os computadores laboratoriais desconectados de um grande computador remoto, para evitar perdas irreparáveis. Já são muitos os casos de perdas de projetos sem uma única cópia, deixados em lugares públicos ou em bancos de carros roubados por assaltantes vulgares. Quaisquer bugs, ademais, seriam pouco prejudiciais com o acompanhamento à distância de todos os projetos. Claro que é possível construir objeções a tal forma de monitoramento, principalmente em relação a determinados projetos estrategicamente sigilosos, mas, sem dúvida, seria possível desenvolver os meios de preservar todos segredos importantes. A ideia de assegurar a continuidade de qualquer projeto é a que precisa prevalecer em um meio comprometido com o desenvolvimento científico, tecnológico e de inovações.
- 11 Quanto custaria tudo isto? Certamente muito menos do que o que nos impõe o complexo de vira-latas. As construções faraônicas nos campi lhes dão aparências primeiro-mundistas, que, entretanto, sucumbem às mais simples caminhadas de observação. Em seus interiores campeiam as carências e os indicadores de obsolescência.

- 12 Com as cópias mais adequadas e essenciais, é certo que podemos perder os nossos pudores de acreditarmos em nós mesmos. Afinal, pequenas e eficientes iniciativas alternativas poderiam nos fazer deixar de esconder a nossa fé e as nossas capacidades.
 - 13 O complexo de vira-latas que nos impõe escondê-las, jamais seria capaz de impedir que o desenvolvimento das pesquisas nacionais, induzidas concretamente pelas nossas sub-reitorias de pesquisas, rebentasse as comportas da nossa dependência acadêmica. Sem ele jamais amargaríamos novas derrotas como as de 1950 e o vergonhoso 7 x 1 para a Alemanha, na Copa do Mundo de 2014.
-

NOTES

1. RODRIGUES, N. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de chutava**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993
 2. OCDE. Education at a Glance: OECD Indicators. Disponível no site: <https://www.oecd.org/brazil/Education-at-a-glance-2015-Brazil-in-Portuguese.pdf>. Acesso em dezembro de 2017.
-

AUTHOR

ZACARIAS GAMA

Professor Associado da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e membro permanente do corpo docente do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH)